

Meu fascínio pelas cores se fez tamanho que não podia me contentar apenas em ver meus alunos fazendo os desenhos que lhes eram cobrados. Sentia-me atraído a criar meus ensaios, nos quais minha preocupação máxima era a harmonia e o equilíbrio das cores, trabalhos esses que, aliás, poderiam vir a ser um incentivo a mais para os alunos que demonstrassem interesse pela arte. A partir daí, vários ensaios foram sendo programados e executados, sem, contudo, me envolver com preocupação de marketing. Bastava-me o prazer de criar, de fazer arte pela arte que, além de excelente terapia, me rendia à sensação de estar ocupando meu tempo de uma maneira prazerosa e, sobretudo, gratificante. Com o passar dos anos os “ensaios” foram se multiplicando, até o dia em que recebi o honroso convite para participar do evento que ora se realiza. Não seria demais registrar que esse privilégio muito me enobrece e me convida a reiterar minha sincera e incontestável gratidão a todos aqueles que de algum modo se empenharam pela realização do evento.

Lúcio A Resende



www.oficinadaartedosom.com.br

Prelúdio

Lúcio Alberto de Resende

Meus primeiros passos como aprendiz da arte das cores se deram nos primórdios do meu magistério, como professor de desenho em escolas do interior do estado. Anos após, em escolas da capital, lecionava geometria plana e desenho artístico. No exercício diário do ensino do desenho artístico, a psicodinâmica das cores, tratada não apenas com seus aplicativos mais restritos e detalhados, mas no seu sentido mais amplo, impressionava-me sobremaneira e me despertava tão grande fascínio que jamais me cansava de estar associando dois temas do estudo da Física. A meu ver, andavam sempre de braços dados, formando um par perfeito e chamativo para os entusiastas do estudo da cor e do som, já que ambos – espectro solar e espectro audível – se materializam através da vibração de onda de luz e de som, respectivamente. Desta forma, a prática do desenho artístico e do estudo de piano de tal modo se aliaram que enquanto estava desenhando, ouvia música, mesmo que nenhum aparelho de som estivesse ligado. E, se tocava ao piano, sentia-me como se estivesse envolvido num sonho fascinante de cores. Até a década de 60, a carência de professores com habilitação específica para o magistério da geometria plana em conjunto com o desenho artístico era notória e, às vezes, “surpresa” por cursos de curta duração, obviamente limitados, oferecidos pelo MEC. Sentindo-me, pois, na desconfortante condição de “autodidata”, aproveitei a oportunidade de me lançar como professor em um tema para mim tão fascinante. Arregacei as mangas e me lancei à luta. E parece-me que não deu outra.